

Se liga, Charles!

Vincent Cuvellier

Tradução Heitor Ferraz Mello

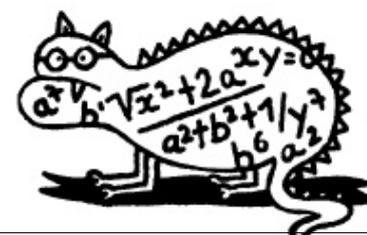
Temas Preconceito; Amizade; Solidariedade



GUIA DE LEITURA PARA O PROFESSOR



2ª edição
Série Azul
96 páginas



O livro “Se ele não existisse, daria na mesma.” É assim que o pequeno Benjamin se dá conta de que seu colega de escola, Charles-Philippe, tão diferente de todos os garotos e garotas da classe, não faz falta a ninguém. No máximo, Charles serve para os outros lhe pedirem coisas emprestadas, como canetas e dinheiro, que nunca devolverão. Mas, por causa de um imprevisto, Benjamin se vê obrigado a conviver com Charles. Daí nasce a descoberta de que nem tudo que parece de fato é. A convivência, de início forçada, logo se torna agradável. Dela surgem a amizade, a autodescoberta e a solidariedade.

O AUTOR Vincent Cuvellier nasceu em Brest, França, em 1969, e atualmente vive em Nantes, no mesmo país. Era adolescente quando escreveu seu primeiro livro, com o qual ganhou o Jeune Écrivain, prêmio literário para jovens autores. Recebeu prêmios e foi traduzido em diversos países.

O ILUSTRADOR Charles Dutertre nasceu em Rennes, França, em 1972. Estudou Belas-Artes em Cherbourg e em Rennes. Ainda pequeno, decidiu tornar-se desenhista. Atualmente, ilustra livros e matérias de jornal e participa da revista em quadrinhos *Patate Douce*. Trabalha com Vincent Cuvellier e já ilustrou outro livro do autor.

Mergulhando na temática

BULLYING

Têm sido constantes, nos dias atuais, as referências ao *bullying*. Muitos *blogs* foram criados para relatar experiências desse tipo, vividas principalmente na escola. Os maus-tratos dirigidos a jovens ou crianças, ou o desprezo de que foram vítimas, provocam sofrimentos, com graves consequências psíquicas. O *bullying* impõe um modelo de comportamento tido como “correto” e transforma em “estranhas” todas as outras maneiras de se comportar.

É assim que, nas escolas, formam-se os grupos: os jovens “populares” desconsideram aqueles a quem chamam de *nerds*; reproduzem os padrões de beleza “ideais” e menosprezam aqueles que não têm as “medidas certas”. Mal sabem que repetem modelos autoritários de sociabilidade ou de beleza impostos pela mídia, que os “naturaliza”. É preciso identificar a origem sociocultural do *bullying* e atuar para que os comportamentos possam ser modificados. A discriminação é proibida pelo Estatuto da Criança e do Adolescente, em seu artigo 5º (“Nenhuma criança ou adolescente será objeto de qualquer forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão, punindo na forma da lei qualquer atentado, por ação ou omissão, aos seus direitos fundamentais”). Mas ela continua ocorrendo, sem que nos julgemos capazes, muitas vezes, de reagir contra.

NINGUÉM E TODO MUNDO

Benjamin não tem problemas, tem amigos. Aceito na classe, convive bem com sua turma e não sabe o que é sofrer de *bullying*. Brinca quando pode, “zoa” a professora, inventando, com a turma, apelidos engraçados para ela, tem bom desempenho em algumas matérias e péssimo em outras. Ele é como todo mundo. Ao menos, como todo mundo com quem se relaciona. A presença de Charles-Philippe em sua classe o intriga, porém: embora da mesma idade, a aparência e o comportamento estranhos do menino destoam. Ele parece um velho! Mas o incômodo que Charles provoca se resolve facilmente. Facilmente demais! Todo mundo prefere... ignorar esse “ninguém”.

Entretanto, ninguém é igual a ninguém. Todo mundo é único. Benjamin acaba descobrindo isso à força, quando a professora o obriga a levar as lições escolares para Charles, que sofrera um acidente. Ele havia caído da escada, e o tombo o obriga a ficar em casa por dois ou três meses, imobilizado.

De início, Benjamin quer recusar a tarefa. Mas não há como escapar. Na primeira vez que vai até a residência de Charles, ele estranha tudo: a casa, sombria; os adultos, muito velhos, que ele julga serem avós do colega, mas que na verdade são seus pais; a impossibilidade de brincar e fazer bagunça no quarto, dado o rigor com que a mãe controla o filho.

Benjamin tenta se desvencilhar da missão que a professora lhe deu. Deixa de ir à casa de Charles num dia, mente no outro, mas aos poucos descobre que o colega pode ser seu amigo. Charles também sabe se divertir... As dificuldades, agora, são de Benjamin. Quer tanto contar o que lhe acontece, deseja tanto relatar ao novo amigo suas aventuras com os colegas da escola que é incapaz de escutar e de ver Charles. Contudo, o garoto não se deixa anular. Ele também sabe gritar para se fazer ouvir. Não esconde aquilo de que gosta e o que faz: desenhos. É assim que Charles se

Por isso, *Se liga, Charles!* ajuda na atuação dos educadores. A narrativa mostra como, a partir do conhecimento e da convivência com aquele que é desprezado, podem surgir a amizade e a percepção de que ninguém é o que aparenta ser.

NARRATIVA EM PRIMEIRA PESSOA

O narrador em primeira pessoa conta a história a partir daquilo que ele conhece da realidade. As vivências de Benjamin concentram-se no que ocorre na escola, no que ele sente e no que imagina – e é por meio da linguagem estilizada do garoto e de seus diálogos com Charles que temos acesso a sua realidade. Daí a frequência com que surgem expressões juvenis (como o próprio título do livro indica) e um tipo de organização sintática (frases curtas, quase sempre coordenadas, e transcrições de diálogos diretos).

Sobre as técnicas e o foco narrativos:

Leite, Lgia Chiappini Moraes. *O foco narrativo*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1985.

DIÁRIO

Os capítulos curtos de *Se liga, Charles!* apresentam o relato de fatos à medida que eles ocorrem, com pouco distanciamento temporal. Por isso, temos aqui um registro que se assemelha ao diário. Mesmo sem os cabeçalhos de entrada das datas, os capítulos funcionam como síntese dos acontecimentos e reflexões que marcam o dia a dia de Benjamin.

Quem escreve um diário, anota seus pensamentos a partir dos eventos de sua vida cotidiana. Isso supõe que o sujeito que escreve (autobiográfica ou ficcionalmente) e que, muitas vezes, não tem condições objetivas para agir no mundo exterior, busca constituir-se e superar as dificuldades a partir da escrita reflexiva e dos comentários sobre o mundo que o cerca, bem como sobre seus próprios dilemas interiores. Desse ponto de vista, são mais recorrentes os textos escritos por adultos, como é o caso, ►

distrai e suporta a lenta passagem dos dias, enquanto está convalescendo. Benjamin percebe que Charles não é um “ninguém”: seus desenhos têm estilo e graça.

Graça e alegria, porém, não cabem na casa de Charles. Seus pais, tão velhos e tão preocupados com a saúde do filho, não lhe permitem nenhum prazer arriscado. Benjamin, ao contrário, parece ter uma família feliz, principalmente depois da separação temporária de seus pais: andam de bicicleta, divertem-se, vão juntos até a praia. Benjamin pode passear livremente e muitas vezes faz aquilo de que mais gosta: ver os barcos e sonhar que um dia poderá comandar um deles, acompanhar o movimento das ondas na proa e aprender (sem que disso tenha clara consciência) que tudo muda. Charles não: imobilizado na cama, nem a cadeira de rodas ele pode usar...

Como as ondas, que vão e vêm, Benjamin começa a perceber não apenas que o garoto esquisito de sua classe se tornou seu amigo, mas também que ele próprio tem suas tristezas e medos. O pai volta a dormir no sofá e, no dia seguinte, seu prato não está na mesa: haverá nova separação? Enquanto isso, os colegas da classe fazem desenhos e bilhetes para Charles – e um namoro entre ele e uma das meninas está prestes a se concretizar.

Certa noite, Benjamin dorme na casa de Charles. Preocupado com a provável separação de seus pais, pressente o que sua mãe lhe dirá no dia seguinte. Ele não quer alimentar sentimentos tristes, mas ali, na casa daquele que agora é seu amigo, pode chorar. Decide, então, espantar sua tristeza – e também a do amigo. Na volta da escola, num ímpeto de alegria, ajuda Charles a se sentar na cadeira de rodas e saem os dois à rua, para verem juntos os barcos no canal.

UM DIA DEPOIS DO OUTRO

Se liga, Charles! é uma **narrativa em primeira pessoa**. Benjamin conta sua história à medida que os dias passam, como se registrasse os fatos de sua vida num **diário**, com um mínimo de distanciamento temporal. Embora não traga as marcas características do diário (a notação dos dias), cada capítulo representa um registro dos acontecimentos pelos quais passa o protagonista.

A escrita busca imitar também o registro dos pensamentos de Benjamin. Com a alteração de seu cotidiano, devido à obrigação de levar as lições de casa ao colega acidentado, o menino descobre que as famílias não são todas iguais e que também ele tem seus medos e suas fantasias.

*Os **destaques** remetem ao item *Mergulhando na temática*.

▶ na literatura brasileira, de *Memorial de Aires*, de Machado de Assis.

No entanto, o mais famoso no mundo ocidental é *O Diário de Anne Frank*. Escrito pela jovem judia, é um documento histórico e literário. De junho de 1942 a agosto de 1944 (quando foi levada pelos nazistas da casa onde se escondia), Anne Frank registrou sua vida, suas reflexões, as impressões sobre o mundo de fora e sobre seu próprio desenvolvimento.

A frase inicial desse diário pode representar uma síntese do que é o gênero: “Espero poder confiar inteiramente em você, como jamais confiei em alguém até hoje, e espero que você venha a ser um grande apoio e um grande conforto para mim”.

Também importante como registro de tempos de guerra há *O diário de Zlata*. A menina, de 11 anos, registra os eventos tais como os percebe, entre 1991 e 1993, quando os ataques sérvios destruíram a Bósnia-Herzegóvina, parte da ex-Iugoslávia.

Minha vida de menina é também um dos diários mais significativos para a literatura brasileira. Escrito por Alice Dayrell de Caldeira Brant sob o pseudônimo de Helena Morley, registra seu cotidiano e suas reflexões entre 1893 e 1895 em Diamantina, Minas Gerais. Publicado em 1942, revela, com ironia e bom humor, as contradições de um país que se mantinha escravocrata mesmo após a abolição.

SALVADOR DALÍ (1904-1989)

Benjamin e sua classe visitam o Museu Salvador Dalí, na cidade de Figueras, na Espanha. Dalí é um dos pintores mais conhecidos do surrealismo, importante movimento de vanguarda que surgiu em 1924, com o *Manifesto surrealista*, de André Breton.

As obras surrealistas têm como característica principal representar conteúdos do inconsciente ou do

A maneira pela qual Benjamin compara sua própria vida à de Charles lhe traz amadurecimento. Ele nota a diferença entre a educação que seus pais lhe dão e a que o amigo recebe. No entanto, também Benjamin tem problemas – os quais pouco a pouco tem de enfrentar. A tristeza de que tenta escapar relaciona-se à separação dos pais. Quando eles se reconciliam, os passeios coletivos voltam a acontecer, e a vida parece maravilhosa.

Benjamin sabe que a vida não é feita apenas de fatos, mas também de sonhos, como os que ele tem quando observa os barcos no porto. O mar, as ondas e a possibilidade de romper as amarras: contemplando a paisagem, o garoto registra seus desejos.

ESCREVER, DESENHAR, CRIAR

Charles não escreve como Benjamin, mas ambos têm suas formas de criar. Os dois brincam com as palavras, já que não podem modificar ou enfrentar diretamente a realidade. Por exemplo, têm de comer couve-flor, mesmo sem gostar. E, já que não há escapatória para a dieta que a mãe de Charles impõe, o jeito é ficar repetindo “Que nojo! Que nojo!”.

Charles, porém, desenha. Enquanto está sozinho em seu quarto, aproveita para interpretar as lições da escola a seu modo, com sua linguagem. Será por meio dela que o garoto vai construir novas amizades e, assim, superar o desprezo que sentem por ele.

O menino esquisito tem talento para o desenho. Essa passagem da narrativa lembra um artista também “esquisito”, cuja fama era indissociável de suas características físicas “esquisitas” – os olhos esbugalhados e um fino e longuíssimo bigode. Trata-se de **Salvador Dalí**, citado em *Se liga, Charles!* quando os alunos fazem uma visita escolar ao Museu Salvador Dalí, em Figueras, na Catalunha, Espanha.

subconsciente por meio de técnicas como a livre associação e o relato de sonhos e fantasias. Essa corrente artística visava libertar a imaginação, de maneira que ela não fosse represada, artisticamente, pelos critérios estreitos do realismo e pelo pragmatismo da sociedade burguesa europeia da época.

Salvador Dalí nasceu em Figueras, Catalunha. Desde menino, revelou talento para o desenho e logo iniciou seus estudos na Escola de Belas-Artes de Madri, onde conheceu o cineasta Luis Buñuel. Com ele faria os filmes *Um cão andaluz* (1928) e *A idade de ouro* (1930). Após a exposição que lhe deu notoriedade, em 1933, lançou-se a uma vida orientada para a fama e o enriquecimento, sendo expulso do grupo surrealista, que propunha uma contestação política ao sistema capitalista.

DIALOGANDO COM OS ALUNOS

As sugestões a seguir devem ser consideradas como estímulo à atividade e à criatividade do professor ou da professora. Ele ou ela, melhor do que ninguém, sabe como empregá-las com os alunos.



ANTES DA LEITURA

A ilustração faz parte da própria história, complementando e mesmo compondo o texto. Por isso, antes de os alunos iniciarem a leitura – e como estratégia para sua motivação –, todos podem folhear o livro, escolhendo a página que lhes parecer mais sugestiva. Cada aluno dirá o que pensa daquela página: o que está acontecendo? A que se deve essa ilustração? Qual sua relação com a história?

Nesse momento é importante que o professor registre em seu diário de classe as hipóteses recorrentes, para que, ao final do trabalho com o livro, elas sejam rediscutidas. Um livro passa a existir cada vez que um leitor em potencial cria expectativas em relação a ele, colocando a imaginação para funcionar, e é recriado cada vez que a leitura é realizada.

O professor pode ainda ensinar protocolos do registro da leitura: um pequeno caderno onde se anotam os livros lidos pelo aluno. Para cada livro, abre-se uma página com os seguintes dados: título da obra, nome do autor e do ilustrador, cidade da editora, nome da editora, data da edição. A isso se acrescenta a data da leitura. Depois dessas anotações bibliográficas, o aluno pode registrar suas impressões de leitura, sem que o professor necessariamente avalie ou corrija esses apontamentos.

DURANTE A LEITURA

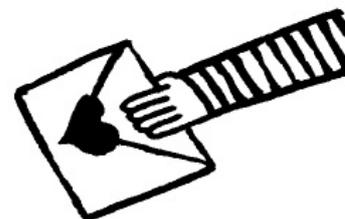
1. Charles está imobilizado; sua mente, porém, não pára... Depois que Benjamin lhe traz a matéria das aulas, os dois amigos brincam com os conteúdos disciplinares. Assim, a aprendizagem a respeito das fortalezas medievais e dos meios de defender os castelos (com óleo quente sobre os que tentam invadi-los) lhes possibilita brincar com as palavras e os significados: óleo quente serve para fritar batatas; assim, as pessoas sobre quem se jogou o óleo são uma espécie de batatinhas fritas! Charles, impossibilitado de se mover, ocupa seu tempo fazendo desenhos inspirado naquilo que aprendeu. Com sua

habilidade, então, obtém o reconhecimento de Benjamin. O colega observa que Charles desenha muito bem. A partir dessa sequência, o professor poderá pedir que os alunos transformem um dos conteúdos disciplinares de sua livre escolha (história, geografia, matemática etc.) em uma cena desenhada. É importante explicar a eles que a cena pode conter a representação do movimento de algo ou de alguém e incluir pequenas falas. A exposição dos desenhos permitirá que a classe “adivinhe” a que conteúdo se refere cada um dos esboços. A atividade possibilita o trabalho com a linguagem das artes plásticas e também a revisão de conteúdos.

2. Benjamin tem medo de que seus pais se separem novamente. À noite, pouco antes de pegar no sono, consegue chorar. Quem sabe o que ele sonhará? A leitura dessa passagem permite ao professor sugerir uma discussão sobre o medo das perdas. Todos nós experimentamos esse sentimento e, quase sempre, fugimos dele. No entanto, ele está dentro de nós, e é comum sonhar com aquilo que tememos. Nos sonhos, os medos surgem de modo figurado – e muitas vezes somente nós mesmos podemos decifrar o sentido das imagens oníricas. A partir dessa discussão, o professor poderá introduzir algumas noções básicas sobre o surrealismo e explicar aos alunos o que são imagens oníricas. A atividade proposta, em função disso, é pesquisar quadros surrealistas e, se possível, fazer uma pequena exposição na classe com reproduções das obras. Para finalizar a atividade, cada aluno produzirá seu próprio “quadro surrealista”, com base em um tema nascido da conversa sobre o temor das perdas: “A figura do meu medo”. O professor dirá que ninguém precisa explicar o que significa a imagem que criou.

DEPOIS DA LEITURA

Após a leitura integral, a classe comentará o que achou do livro. Para que a discussão seja livre (sem cobrança de “conteúdos” ou de técnicas narrativas), o professor pode criar uma roda de bate-papo, bem informal, mas decisiva para a efetiva troca de conhecimentos. Cada aluno diz o que gostou na história e o que aprendeu com ela. Ao professor, não basta apenas comentar; é preciso que ele construa ligações entre as várias opiniões, bem como sua fundamentação na obra. Ele, então, pode, e deve, ocupar o papel de mediador, propiciando o compartilhamento e a construção de um novo aprendizado. Isto é, quando o alu-



no manifestar sua opinião, o professor indaga sobre os motivos dessa posição e faz com que o colega seguinte se coloque com relação à(s) fala(s) anterior(es). Não é preciso anotar nada no caderno ou na lousa, pois a conversa, quando produtiva, permanece ativa na memória da classe.

Para terminar o debate, é importante que o professor estabeleça uma ligação efetiva entre o que foi lido e a realidade vivida pelos alunos. É comum que nas escolas, atualmente, o tema do *bullying* seja trabalhado de vários modos, por exemplo, apresentando narrativas em que a discriminação e os maus-tratos a alguém se devem à imposição de modelos de identidade. Neste livro, porém, esse é apenas o começo da conversa... Benjamin discrimina Charles, ignorando-o. Mas o acaso o leva a aproximar-se de alguém que ele julgou, antes mesmo de conhecer de fato, e então se dá conta de que estava errado. Assim, mais do que *bullying*, temos aqui a história da construção de uma amizade. Esse pode se tornar o tema em debate na classe, com relatos orais, inicialmente, de um julgamento pelas aparências que se revelou errado e injusto ou de um aluno ou conhecido que passou a gostar de quem desprezava. Depois de várias histórias contadas oralmente, cada aluno inventará uma escrita com o tema “De perto ninguém é normal”.

ELABORAÇÃO DO GUIA IVONE DARÉ RABELLO (PROFESSORA-DOUTORA DO DEPARTAMENTO DE TEORIA LITERÁRIA E LINGÜÍSTICA COMPARADA DA USP); PREPARAÇÃO BRUNO ZENI; REVISÃO MARCIA MENIN, ANABEL LY MADUAR E GISLAINE M. SILVA

